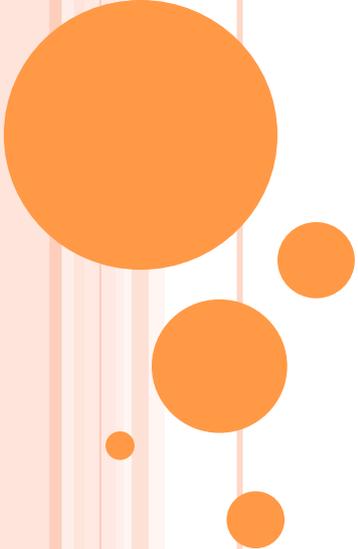


I JORNADAS INTERCONCELHIAS DE BIBLIOTECAS, AMARES, 10 DE JULHO DE 2015

AS BIBLIOTECAS NA ERA DA INFORMAÇÃO...



Armando Malheiro da Silva
FLUP e CETAC.Media
armando.malheiro@gmail.com

SUMÁRIO

- A crise da Biblioteca...
- O que é o “Livro digital”: desafios novos
- “O Cérebro e a Leitura”
- A Biblioteca Escolar, hoje...
- Inclusão Digital e Literacia da Informação
- Estamos em transição para o (Des)conhecido...



A CRISE DA BIBLIOTECA...

- Há uma crise? Pode e deve pôr-se a pergunta, sendo possível adivinhar dos tipos de resposta.
- A resposta pessimista \Rightarrow o anúncio do fim da Biblioteca.
- A resposta otimista \Rightarrow a Biblioteca é eterna.
- O matiz inteligente da resposta otimista é de que a Biblioteca vive uma transformação que a fará sobreviver...
- A resposta que prefiro é a etimológica, ou seja, aproveitar o sentido radical da palavra crise - rotura e renovação...



A CRISE DA BIBLIOTECA...

- Um sentido que se entenderá melhor associado à proposta que defendo dos paradigmas para a área profissional e científica da Documentação/Informação.
- Paradigma custodial, historicista, patriomalista e tecnicista (séc. XVIII-XX).
- Paradigma pós-custodial, informacional e científico (a partir de meados do séc. XX).
- A Biblioteca, como construto da Modernidade, entrou em crise em plena 2ª vaga de industrialização e podemos ir aos EUA e ao belga Paul Otlet (1869-1944) para concretizarmos essa ideia.



A CRISE DA BIBLIOTECA...

- Para a Biblioteca nascer, aconteceram mudanças tecnológicas, como lhe chamou R. Darnton (2010): o aparecimento da escrita por volta de 4.000 a.C., a substituição do pergaminho (em rolo) pelo códice (composto de cadernos de folhas cosidas e encadernadas), no início da Era Cristã e a invenção de tipos móveis, em 1450, por Gutenberg.
- O processo tecnológico (consubstanciado nas designadas “Artes Gráficas”) que instituiu o livro obrigou o Estado-Nação a apropriar-se, em nome do Bem Comum, desse artefato de uso pessoal e transmissível.
- Livro e Biblioteca entrelaçaram-se... E depois?  A crise...

A CRISE DA BIBLIOTECA...

- Tratou-se de uma crise efetiva no paradigma custodial e um impulso sério para a democratização e a massificação do acesso à informação em suporte papel – livros e periódicos.
- Otlet, como visionário, enredou-se na complexidade envolvente e tentou superar as contradições gritantes, pensando e falando do livro, do documento e de informação, tendo deixado a ideia forte de que no *Mundaneum* teria de ser possível classificar e referenciar uma gama ampla de documentos: desde o livro clássico até uma pintura...



A CRISE DA BIBLIOTECA

- As Bibliotecas públicas e universitárias norte-americanas, do princípio de novecentos, abriram-se à comunidade, desenvolvendo práticas simples e eficazes de acesso livre ao acervo por parte dos leitores.
- O Manifesto da UNESCO e da IFLA para a Biblioteca Pública, aprovado em Paris a 29 de novembro de 1994, proclamou uma Biblioteca nova, essencial “para a promoção da paz e do bem-estar espiritual da humanidade”. Uma Biblioteca aberta a todos e acesso.
- O livro *A Biblioteca*, de Umberto Eco (1981), é o atestado de óbito intencional da Biblioteca custodial.

A CRISE DA BIBLIOTECA

- O Manifesto da UNESCO (ancorado no artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas de 1948, que fixa o princípio da Liberdade de Acesso e de Liberdade de Expressão) consagra as bases de um novo paradigma, radicalmente pós-custodial e não ignorou o avanço tecnológico, em curso, com a informática e o surgimento da internet.
- O que pretendo sublinhar é que a crise da Biblioteca começou antes da revolução das TIC e não terminou ainda...
- A Biblioteca renovou-se na sua Missão e agora está a transformar-se na sua Estrutura.



O QUE É O “LIVRO DIGITAL”: DESAFIOS NOVOS

- Aproveito para divulgar um pequeno livro em papel onde a Autora, Liliana Giusti Serra, fala do “livro digital” e seu impacto nas Bibliotecas (Fundação Getúlio Vargas, 2014).
- “O livro digital é apresentado como uma revolução do livro. (...) podemos definir os livros digitais como recursos que contêm textos, porém não são limitados a estes, não se reduzindo a ser uma versão digital de textos impressos” [Vassiliou e Rowley, 2008, cit Serra, 2014: 86).
- Não podemos mais associar a palavra livro ao formato surgido com o códice medieval. O suporte da informação é hoje completamente outro... O Livro digital é uma expressão paradoxal e compreensível. A palavra livro perdeu denotação e tornou-se metáfora e o mesmo está a suceder à palavra Biblioteca...

O QUE É O “LIVRO DIGITAL”: DESAFIOS NOVOS

- É interessante recordar que na evolução do livro em papel e com o desenvolvimento tipográfico foi sendo possível associar texto à imagem e jogar com cores a par do preto e branco, forçar a invenção de papel para uma qualidade superior e levar a tecnologia da impressão em papel até aos seus limites.
- O suporte electrónico e digital com seus dispositivos próprios acomoda muito mais que palavra mais imagem e mais cor!... Acomoda códigos diferentes em coexistência integral e dinâmica, tendo-se inventado a palavra “hipertexto” para significar essa novidade, mas a palavra é insuficiente. Em rigor estamos perante um “metatexto”...



O QUE É O “LIVRO DIGITAL”: DESAFIOS NOVOS

- O livro digital, sendo um “metatexto”, obriga a que passemos a considerar a informação aquém e além a sua materialidade específica, assim como a sua enorme variedade: conteúdos orais (conversas gravadas, etc.), escritos, áudio-visuais (situações gravadas e filmadas, música gravada e ao vivo, etc.), pictóricos e escultóricos (o acervo de Museus acessível na tela do computador, do tablet ou do telemóvel), etc.
 - E se o livro é um “metatexto” estamos perante uma alteração cognitiva no processo individual e colectivo da leitura.
 - Ler livros em papel remete para uma dimensão limitada que vem do passado e se dilui num ato muito mais complexo e pouco linear (o hipertexto pretendeu também significar um modo “saltitante” de “visitar” diferentes conteúdos ao mesmo tempo).
- 

O QUE É O “LIVRO DIGITAL”: DESAFIOS NOVOS

- O livro, através da leitura, teve sempre impacto no cérebro e daí haver autores, como MacLuhan, que souberam traçar uma linha evolutiva do processo humano de adaptação aos meios info-comunicacionais e durante séculos o Homo tipográfico converteu-se numa “espécie” estável... Até que apareceram a rádio e a televisão...
- O grande desafio hoje é que o cérebro humano recebe estímulos novos e convergentes: a palavra vem associada a outros códigos em simultâneo e em regime dinâmico. Ex.: nos websites a informação pode alterar-se rapidamente numa vertigem de novidade e variedade que traz em si também o risco da superficialidade.

“O CÉREBRO E A LEITURA”

- A abordagem ou as abordagens da Leitura, nomeadamente a da Leitura Pública, têm sido predominantemente histórico culturalistas, sociológicas, políticas...
- Entendo que já chegou a hora de trazer as Neurociências e as Ciências Cognitivas para o debate e para a construção do diálogo da Pedagogia com o lado biológico do humano.
- Entendimento que partilho com Rui Mota Cardoso, Professor da FMUP e Investigador do IPATIMUP, que prefacia um outro livro de papel que trago à colação...



“O CÉREBRO E A LEITURA”

- Refiro-me a um útil e recente livro intitulado “Cérebro e leitura: fundamentos neurocognitivos para a compreensão do comportamento leitor” por Teresa Silveira (Bloco Editora, 2013). Resulta de uma dissertação de Mestrado que pode acompanhar.
- A Autora tem formação em Ciências Documentais, Mestrado na área e hoje está a fazer o Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (iniciativa conjunta das Universidades do Porto e de Aveiro).
- Tem ainda uma experiência longa e rica em Formação em Animação da Leitura na Rede de Bibliotecas Públicas e Escolares.



“O CÉREBRO E A LEITURA”

- Destaco a seguinte afirmação da Autora: “É um facto que o nosso cérebro nasce com estruturas que nos possibilitam ler e, portanto, a leitura competente requer a activação desses “sistemas” de forma continuada e repetitiva. É intencional a preparação do cérebro para o gosto literário por via da animação (...), sendo que é um facto que quanto mais o cérebro estiver devidamente activado para a leitura, maior será a probabilidade das estratégias de promoção da leitura – as intenções – serem bem sucedidas” (Silveira, 2013: 51).



“O Cérebro e a Leitura”

- A Autora propôs-se e conseguiu apresentar um programa concreto de promoção da leitura (literária), mas o seu livro, sobretudo no capítulo 4, mostra as estruturas e funcionalidades do cérebro humano relativamente à leitura/palavra, mas desvela, também, o funcionamento articulados dos dois hemisférios (esquerdo e direito), da memória e do esquecimento e da plasticidade cerebral, não obstante ser verdadeiro que com a idade a aprendizagem de certas competências (as linguísticas) torna-se mais árdua.



“O CÉREBRO E A LEITURA”

- No Capítulo 4, a Autora explica o funcionamento das competências leitoras do cérebro, mas é possível ir mais longe e compreender como o cérebro processa os estímulos recebidos por todos os sentidos físicos, ativando e desenvolvendo os diferentes códigos implicados no modo de representar e interagir com o meio envolvente.
- Mas, o que importa aqui destacar, rapidamente, são as estratégias de promoção de leitura e compatibilidade cerebral apresentadas pela Autora, no Capítulo 5, intitulado “Um modelo de promoção de leitura”.



“O CÉREBRO E A LEITURA”

- Para se preparar o cérebro para o gosto leitor:
- O 1º passo implica confrontar a criança com o real, chegar ao abstrato (conceito). experimentando ou convivendo de perto com o seu referente; e
- O 2º passo implica passar do concreto para o simbólico e deste para a abstração (fase a partir dos 6 anos), que significa sobrepor a Animação da leitura (ADL) à Animação para a leitura (APL).



A BIBLIOTECA ESCOLAR, HOJE...

- A Biblioteca Pública nasceu generalista e tornou-se um instrumento efetivo do estado para alargar a instrução além dos grupos sociais privilegiados.
 - Em contraponto, a Biblioteca Escolar só pôde nascer mais tarde, no seio da Escola, a partir do apoio dado aos professores para constituírem acervos bibliográficos, ou por iniciativa pessoal deles.
 - Em Portugal, a República, com a sua vocação instructo-educativa, criou condições para a promoção da leitura em geral e, nas Escolas, em particular; depois o “Estado Novo” salazarista mandou, para as Escolas, propaganda nacionalista, nomeadamente através do SPN/SNI, como também mandou para as Casas do Povo...
- 

A BIBLIOTECA ESCOLAR, HOJE...

- Ontem, como hoje, a Biblioteca Escolar desenvolve-se e serve à Escola a que pertence e esta relação estreita e orgânica é essencial.
- Um traço orgânico profundo que diferencia claramente a Biblioteca Pública da Biblioteca Escolar.
- Esta não pode, obviamente, estar alheada da promoção da Leitura, que se tornou um eixo central das Bibliotecas da Rede de Leitura Pública, mas cabe-lhe muito mais...
- Cabe-lhe estar implicada plenamente no processo ensino-aprendizagem. E, mais ainda, no projeto pedagógico e nas estratégias didáticas de cada Escola.

A BIBLIOTECA ESCOLAR, HOJE...

- É preciso que na, e através, da Biblioteca Escolar haja uma sensibilidade aguda para o “leitor difuso e polivalente” atual e futuro e uma compreensão do impacto e dos melhores usos do “livro digital” ou “metatexto”.
- Não é por acaso que há o entendimento generalizado de que o Bibliotecário Escolar seja um Professor, capaz de dominar técnicas bibliográficas, mas, muito mais importante, capaz de articular com os colegas de diferentes domínios e unidades curriculares uma atuação promocional conjunta.



A BIBLIOTECA ESCOLAR, HOJE...

- Hoje, a Biblioteca Escolar é um espaço relevante e estratégico para se pensar e intervir no binómio Inclusão Digital – Literacia da Informação.
- O desafio que se coloca, hoje, é ir além da Leitura no sentido restrito, centrada na palavra escrita, e seguir os desenvolvimentos do trinómio cérebro – leitura (ampla ou “metatextual”) – meio.



INCLUSÃO DIGITAL E LITERACIA DA INFORMAÇÃO

- Após um projeto que coordenei, de 2007 a 2010, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, intitulado A Literacia da Informação no Espaço Europeu do Ensino Superior – eLit.pt, confirmou-se a distinção, exposta com clareza por Ana Benavente e colegas, numa obra de 1996, “A Literacia em Portugal: resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica”, entre alfabetização e literacia.
- Por extensão, passei a insistir num binómio-chave para se compreender e auxiliar o trabalho pedagógico e cívico desenvolvido nas Escolas: Inclusão Digital e Literacia da Informação, são conceitos distintos e complementares.



INCLUSÃO DIGITAL E LITERACIA DA INFORMAÇÃO

- O projeto eLit.pt mostrou, entre vários, aspectos que é preciso desconfiar de generalizações e estereótipos apressados: os famosos “nativos digitais” existem mesmo?
 - Nas nossas Escolas - [pergunta] os alunos são verdadeiramente incluídos digitais, ou seja, dominam efetivamente o manejo e a “mecânica” dos dispositivos tecnológicos e digitais?
 - No eLit.pt percebeu-se que os índices de Literacia no final do Secundário e a meio do Ensino Superior eram baixos, mas a Inclusão Digital apareceu muito limitada, paradoxalmente ou não...
- 

INCLUSÃO DIGITAL E LITERACIA DA INFORMAÇÃO

- Outra pergunta, que se impõe, é: os baixos níveis de Literacia da Informação decorrem apenas da imersão cada vez maior na expansiva Era da Informação em que estamos?
- As competências críticas de busca, seleção e uso da informação tiveram sempre o seu local privilegiado de aquisição e desenvolvimento na Escola e, com a massificação do ensino e estratégias pedagógicas equivocadas, fragilizou-se este processo.
- E com a generalização dos recursos informáticos e da internet, da casa a toda a parte, o paradoxo eclodiu: a Literacia é tão mais necessária, quanto parece mais deficitária... E a Inclusão Digital não é um estado acessível e generalizável a todas as crianças, adolescentes e jovens.

INCLUSÃO DIGITAL E LITERACIA DA INFORMAÇÃO

- As interrogações levantadas exigem um aprofundamento maior das Ciências Cognitivas e das Ciências da Educação, um diálogo que vença preconceitos ideológicos e desconfianças pueris...
- É muito importante que se estude e compreenda o funcionamento cerebral na sua complexidade e se articulem as estratégias adequadas para que o “leitor metatextual” do séc. XXI possa validar, na prática, uma tese que me é simpática: altos níveis de inclusão digital asseguram bom desempenho de Literacia.



ESTAMOS EM TRANSIÇÃO PARA O (DES)CONHECIDO...

- O que pretendo significar é algo mais subtil e liga-se ao afirmado no slide anterior: é estimulante enfrentar o que desconhecemos porque só assim nos podemos empenhar em conhecer mais e melhor...
- Os efeitos e impactos das TIC's nos nossos cérebros e mentes é um desconhecido que importa explorar urgentemente.
- Os perigos e as deficiências que são elencadas podem ser efeitos do processo de transição entre Eras que estamos a viver.
- A busca de soluções efetivas é um imperativo total.



ESTAMOS EM TRANSIÇÃO PARA O (DES)CONHECIDO...

- A Biblioteca transformada em espaço tecnológico “infoesférico” (Luciano Floridi) é crucial para segurarmos as pontas soltas e avulsas de uma complexidade gigantesca.
- É crucial, para que se possa projetar na realidade futura e próxima, um “leitor” novo, feito da síntese de “opostos” que não podem mais opor-se: da oralidade, da textualidade (escrita), da imagética, da musicalidade... As competências diversas têm de convergir, o espaço digital concentra a diversidade de códigos, e a plasticidade cerebral bem acompanhada tem de reagir positivamente.



Obrigado pela
Vossa atenção

